
**TRADIÇÕES E TRADUÇÕES:
PROLEGÔMENOS PARA A COMPREENSÃO DO CONTO PLATINO**

**Andrea Cristiane Kahmann¹
Anselmo Peres Alós²**

RESUMO: Este artigo configura-se como uma discussão breve – mas indispensável – em torno dos prolegômenos necessários para a compreensão dos processos culturais envolvendo trocas e intercâmbios entre as literaturas uruguaia e sul-rio-grandense, especialmente no que diz respeito ao conto literário e as figuras arquetípicas do *gaúcho* e da representação literária do pampa como espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: *gaúcho – pampa – conto sul-rio-grandense – conto uruguaio.*

ABSTRACT: This article is a brief – but dependable – discussion around the *prolegomena* needed for a comprehension of the cultural processes involving exchanges between Uruguayan and South Brazilian literatures, especially when it comes to the short-story around the archetypical figure of the *gaucho* and the literary representation of the *pampa* as a geographic space.

KEYWORDS: *gaucho – pampa – South Brazilian short-story – Uruguayan short-story.*

¹ Doutoranda em Literatura Comparada no PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: andreak.ufpb@gmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pelo PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria, e do PPG-Letras desta mesma instituição. E-mail: anselmoperesallos@gmail.com.

A proposição de um debate sobre fronteiras envolve mais do que um arcabouço teórico para o enfoque literário. Pôr a fronteira em pauta é tarefa que vai para além dos limiares do Estado, constituindo-se um tema de relevante conotação no sistema simbólico de cultura referencial, dos indicadores identitários, das marcas de pertencimento, da linguagem que separa e une e das narrativas que conformam os mosaicos da complexidade do mundo contemporâneo. A proposição de um debate sobre fronteiras implica a releitura do estar “fora do lugar”, mote comum dos estudos pós-coloniais e revigorado neste contexto de globalização. A fronteira em perspectiva vem, antes de tudo, desequilibrar o centro, romper com as tradições inventadas para silenciar as fraturas sob o manto homogeneizante do *constructo* nação e, por isso mesmo, recombinar as relações sociais desencaixadas em um plano em que a margem pode, a qualquer momento, subverter a ordem estabelecida.

É em face da necessidade de se pensar o regional em relação dialética com os fenômenos pós-modernos que se orientará esta reflexão ao abordar a fronteira como o interstício da jurisdição, da identidade e da cultura. Para tanto, apresentar-se-ão três pontos, a saber: (1) *nação*: a invenção da tradição e o amálgama da identidade; (2) *fronteira*: o limite da soberania, a contingência do *entrelugar*³ e o papel da literatura; (3) *globalização*: o descentramento do sujeito e a busca da memória. Convém recordar o alerta de Hobsbawm⁴: “sabemos que por trás da opaca nuvem de nossa ignorância e da certeza de resultados detalhados, as forças históricas [...] continuam a operar” (HOBSBAWM, 1995, p. 562). São essas forças históricas, que seguem tumultuando espaços relacionais e descentrando os sujeitos da pós-modernidade, que passam a ser consideradas nas páginas a seguir.

Vinculando-se com uma proposta mais ampla, integrada às questões comparatistas na Literatura do Cone Sul e atentando para as fronteiras na literatura e para o contrabando de imaginários, este trabalho busca definir o tema de forma a contribuir para as novas tendências nas teorias críticas latino-americanas. Visando a estabelecer conexões com a literatura dos gaúchos, propôs-se uma análise sobre os influxos platinos no sistema literário sul-rio-grandense, atentando para a oposição/aproximação do personagem gaúcho sul-rio-grandense com relação ao seu Outro e desvelando as construções de planos simbólicos de referência a ter lugar na literatura. Nesse interregno, pretendia-se desvendar de que modo ocorreu a (re)absorção dessa tradição que acabou por renovar a literatura dos gaúchos e conformou uma nova vertente do regionalismo.

Assim, partiu-se da noção histórica, jurídica e sociológica de nação, com o seu oposto necessário, o de *fronteira*, buscando trazer à tona o *entrelugar* da cultura e a conformação de uma cultura do *entrelugar*. Rompendo com algumas tradições inventadas ou promovendo outras, o fronteiriço expôs as fraturas do embuste nacionalista e celebrou o hibridismo nas relações interpessoais e na esfera cultural. A contingência do viver no interstício desenvolveu, no plano da literatura, uma narrativa caracterizada pela imbricação: proximidade

³ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

⁴ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ou estranhamento, afeição ou repulsa ao Outro, o do “lado de lá”, deixavam à mostra a crise da centralidade. Nesse âmbito, a literatura, que sempre deixou dialogar as diferenças, desempenhou um papel significativo na (re)construção de identidades.

Trazendo-se o debate para o contexto hodierno, questiona-se, na esteira de Stuart Hall (2003)⁵, os destinos das identidades particularistas em face dos sobressaltos da pós-modernidade. Estariam os localismos desintegrando-se? Estariam eles sendo reforçados, como resistência à globalização? Ou ainda: estariam cedendo lugar a identidades híbridas, que tomariam seu lugar? Para considerar a questão de forma pertinente, abordou-se o fenômeno da emergência da memória e dos resgates da tradição. Com efeito, embora a ideia de nacionalidade seja, hoje, uma ficção nostálgica, ela ainda tem garantido poder de mercado e o mesmo ocorre em face dos regionalismos. Não é casualidade notar, com David Harvey⁶, que o mundo assiste a um revivalismo religioso bastante interessante se considerado em frente a um contexto de declínio de tradições. O homem que lutou contra os constrangimentos do passado é o mesmo que promoveu políticas de não-esquecimento e transformou o holocausto e a ditadura em temas sempre rentáveis nas esferas da política, da literatura e do cinema. Mas, enfim, que tradições são essas que se resgatam agora? Qual é o sentido de se preencher esses vazios da memória coletiva e com o que se os está preenchendo?

O foco do trabalho foi mantido no caso sul-rio-grandense, visando à abordagem, no plano literário, da construção da identidade do personagem gaúcho, bem como das tendências de valorização do Outro e do próprio Eu, que tiveram lugar nesse plano da pós-modernidade e do descentramento do sujeito, em sentido psicanalítico. Para tanto, aplicou-se a malha teórica tecida à contextualização do pampa como espaço transfronteiriço⁷. As idas e vindas entre gaúchos sul-rio-grandenses e uruguaianos, a imposição dos limites políticos e das marcas de pertencimento criaram novos paradigmas para os gaúchos. Interesses do centro do Brasil procuraram soterrar a unidade da campanha e promoveram, entre essas terras, o encargo de se viver com o inimigo. Aquele pampa de fronteira aberta e gado solto, aquela terra-de-ninguém em que os limites se definiam pelo idioma do posseiro, transformou-se em um campo alambrado, alvo de uma política de “consciência nacional” com as invenções das tradições que convinham. Nesse plano, a palavra “gaúcho”, que outrora indicava o changador, caçador de gado selvagem, foi revestida de significância elogiosa, remetendo ao homem bravo e destemido, defensor das fronteiras e das tradições. Já ao termo “castelhano”, que indicava o proveniente da região da Castela, em Espanha, restou o desígnio de forma jocosa ou ofensiva, referindo o invasor de terras, o responsável pela pilhagem e pela selvageria.

A evidente acepção ideológica a nortear a re-significação dos vocábulos ilustra a criação de mitos que teve o intento de remeter à centralidade do poder e a rejeição do Outro platino. Nessa perspectiva, obviamente, os influxos platinos na cultura sul-rio-grandense, que invariavelmente tinham lugar em função das zonas de contato, eram sistematicamente negados. Ao possibilitar uma visão integradora das culturas em diálogo, o olhar que se dei-

⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

⁶ HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

⁷ STROHAECKER, Tânia Marques *et. al.* (Orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.

ta sobre as literaturas de fronteira contribui para o diagnóstico das possibilidades sobre a escrita gauchesca – ou pós-gauchesca, como refere Pablo Rocca⁸

A base teórica do trabalho em tela está vinculada a um projeto mais amplo, o de sustentação dos influxos platinos como caractere fundamental da identidade cultural sul-rio-grandense, sua marca indelével e peculiaridade mais forte. O objetivo de extrapolar as fronteiras disciplinares visava ao ganho de complexidade em face dos Estudos Culturais. O recurso à intertextualidade foi levado em conta desde o princípio e começou-se a especular a possibilidade de, com base nas ferramentas dos Estudos de Tradução, ampliar as análises pleiteadas *a priori*.

O objetivo aqui é o de deter a mirada sobre os contos da vertente “regionalista” de Sergio Faraco, buscando captar a constante tensão do *entrelugar* na narrativa e procurando reconhecer na sua escrita os rastros da vivência fronteiriça e da tradição literária que se viu renovada. A opção pelo conto e pela escrita *na* fronteira (em oposição a uma escrita *sobre* a fronteira) parecia corroborar a hipótese da existência de uma *comarca pampiana*, na designação de Ángel Rama⁹, a representar um entorno literário que subverte a ótica de sistemas de representação organizados internamente nos limites do Estado nacional. O personagem fronteiriço, o gaúcho, o castelhano e o representante da ordem brasileira vinham representados em uma estrutura eminentemente pampiana, razão pela qual podemos afirmar que Sergio Faraco¹⁰ traça uma análise da fronteira a partir da mesma fronteira. Ou seja: é como se Faraco elaborasse uma narrativa *desde* a fronteira, em vez de fazê-lo *sobre* a fronteira. O entrelugar é, pois, o ponto de onde parte a narrativa e é o ponto de referência daqueles personagens descentrados, que não se sentem sujeitos nem de um lado nem de outro das margens do pertencimento, visto que carregam o ônus de viver o interstício no âmago de sua personalidade.

No plano de fundo, estavam as relações que permeiam o local e o universal, diante da contextualização das culturas particularistas em face da pós-modernidade e as novas dimensões de intertextualidade, travadas com a recepção do texto traduzido e as modificações que o mesmo acarreta na cultura receptora. Apreciou-se, então, a atividade tradutória de Sergio Faraco, especialmente considerados os dois livros traduzidos do escritor Mario Arregui¹¹, com quem o alegretense manteve uma amizade de quase quatro anos, documentada na correspondência que trocaram durante o período. A aproximação temática e, por vezes, a estilística evidenciaram a incapacidade de as fronteiras políticas representarem os limites do sistema literário. Mais do que isso, a tradução, como o renascimento do texto dito “original” em novas condições de existência dentro do sistema que o acolhe, incidiu como uma forma de recuperação da memória e de manutenção da tradição dos gaúchos. Nos tempos em que ainda não se ouvia falar em Mercosul, as traduções de Sergio Faraco já faziam prosperar entre os sul-rio-grandenses um olhar de integração, aproximando gaúchos do lado de cá e *gauchos* do lado de

⁸ ROCCA, Pablo. A narrativa pós-gauchesca: limites e abrangência de um discurso. Tradução de Graciela Quijano e Cleci Bevilacqua. In: CHIAPPINI, L.; MARTINS, M. H.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Pampa e cultura de Fierro a Neto*. Porto Alegre: UFRGS/IEL/Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, 2004. p. 77-94.

⁹ RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

¹⁰ FARACO, Sergio. *Contos completos*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

¹¹ ARREGUI, Mario. *A cidade silenciosa*. Tradução de Sergio Faraco. São Paulo: Movimento, 1985; _____. *Cavalos do amanhecer*. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2003; _____. *La escoba de la bruja*. Montevideo: Acali Editorial, 1979; _____. *Los mejores cuentos*. Montevideo: Ediciones de la banda oriental, 1996; _____. *Ramos generales*. Montevideo: Arca, 1985; _____. *Tres libros de cuentos*. Montevideo: Arca, 1969.

lá. Além disso, considerou-se que o trabalho de Faraco, seja como contista, seja como tradutor, constituiu uma importante peça para a compreensão do crescente interesse pela cultura sul-rio-grandense. Com efeito, a compreensão dos aspectos teóricos antes definidos pareciam explicar o porquê de, em tempos de globalização, as narrativas campestres continuarem ocupando um lugar tão relevante e, ao retomar um passado de agruras, seguirem sendo tão queridas dos leitores urbanos em constante contato com as facetas da pós-modernidade.

Afinal, norteando as discussões teóricas deste trabalho, leva-se em conta que a Literatura Comparada explora “as relações não apenas entre textos e autores ou culturas, mas se ocupa com questões que decorrem do confronto entre o literário e o não literário, entre o fragmento e a totalidade, entre o similar e o diferente, entre o próprio e o alheio”¹². A Literatura Comparada, em outros termos, ocupa-se das travessias, das subversões de fronteiras entre línguas, culturas e áreas do saber, pretendendo ver mais longe, olhar além. Nesses termos, buscou-se aproximar os estudos literários daquilo que Morin denominou “ciência com consciência”, pretendendo dar conta das “articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento”¹³.

Foram invocados, pois, dois delineamentos epistemológicos presentes nas obras de Morin: os princípios da complexidade e da incerteza. O primeiro, a determinar que a realidade não pode ser simplificada, pois ela está inserida em um amplo sistema de relações que, no mesmo espaço e a um só tempo, são de cunho político, social, cultural, jurídico e literário: “o simples não passa de um momento arbitrário de abstração, de um meio de manipulação arrancado às complexidades”¹⁴. A limitação a uma abordagem sob a ótica estritamente literária neste trabalho macularia, portanto, a gênese em si da prática comparatista e impediria uma visão mais abrangente das interconexões e das transversalidades entre os temas relacionados. Complementar é a perspectiva da incerteza, visto que todo conhecimento apresenta, em alguma medida, certo grau de precariedade e de provisoriedade. O reconhecimento desse princípio incide em considerar que serão levantadas análises de forma relacional visando ao ganho de complexidade e ao progresso do conhecimento, mas que, de forma alguma, pretende estar operando com verdades absolutas. Afinal, “conhecer é uma aventura incerta, frágil, difícil, trágica”¹⁵. Menos que conceitos referenciais fechados ou que uma metodologia discricionária, as noções de Morin são mais para alertar que, nesta senda a ser trilhada, buscar-se-á bagagem em contribuições teóricas de diversas áreas do conhecimento, visando a adequar a mirada literária proposta, sem pretender apresentar conhecimentos definitivos. Conforme Morin, “a complexidade não

¹² CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. p. 11.

¹³ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 176-177.

¹⁴ MORIN, Edgar. *O método*. Tradução de Maria Gabriela Bragança. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1991. Vol. 1, p. 143.

¹⁵ MORIN, Edgar. *O método*. Tradução de Maria Gabriela Bragança. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1991. Vol. 4, p. 163.

tem metodologia, mas pode ter seu método. O que chamamos de método é um *memento*, um ‘lembrete’” (MORIN, 2001, p. 192).

É evidente que qualquer análise que se proponha a vasculhar os influxos platinos no sistema literário sul-rio-grandense parecerá demasiado pretensiosa se não levar em conta que o trabalho do exegeta é limitado, como toda pesquisa acadêmica, e que se deve estruturar em face de um recorte estabelecido previamente. Contudo, mesmo diante do foco deste trabalho, ou seja, da contribuição de Sergio Faraco para o sistema literário sul-rio-grandense e brasileiro, tem-se agora a impressão que ainda há muito a ser dito e outro tanto a ser investigado. Certamente, uma boa parcela dos questionamentos propostos para nortear essa discussão foi alcançada. Tinha-se o escopo de rever a constituição do sistema literário do Rio Grande do Sul, ainda refém da formação de mitos aos moldes do nacionalismo cultural, e sua paulatina emancipação para uma perspectiva mais afeita à celebração das fronteiras como espaço privilegiado para o intercâmbio e o diálogo. Esse resgate histórico foi levado a cabo, embora se tenha a consciência, com Edgar Morin, de que as verdades aqui apresentadas são relativas – como todas as verdades, com efeito, pois o ato de conhecer implica reconhecer o grau de precariedade e de provisoriedade existente em tudo que se cria. E trabalho científico é, também, um ato de criação, já que sujeito àquela parcela de imaginação admissível à abordagem não-tecnista – especialmente nos estudos literários.

Ademais, é importante recordar que os influxos platinos na literatura dos gaúchos constituíram um evento histórico de singular importância, ainda que negados sistematicamente pela crítica. As influências de obras clássicas da literatura platina na obra de célebres escritores sul-rio-grandenses foram confessadas e só muito depois reconsideradas. Mas não só isso: também as histórias das gentes simples, dos tropeiros, da peonada e dos chibeiros atravessaram as fronteiras políticas e vieram compor os casos contados em um galpão, junto ao fogo de chão ou enquanto circulava o mate. E essas histórias, da mesma forma, integraram o entorno cultural desses pagos e conformaram este imaginário, ao mesmo tempo tão próximo e tão distante.

Em função disso, parece conveniente recuperar o interesse pelos gêneros literários a explicar a razão do gosto pela narrativa curta. Na era da suntuosidade, das grandes produções cinematográficas, das produções televisivas de uma longitude quase infindável, aguça a curiosidade a sustentação do conto como gênero de interesse. Impossível não se especular acerca de algumas possibilidades, tais como a retomada do narrador, quase aos moldes do que queria Walter Benjamin, com toda a sua carga de compartilhamento de experiência, e a aproximação do conto à noção de fronteira.

Não obstante, é visível a desconstrução dos mitos e a tarefa de revelar o personagem simples, tão humano e desprovido de superpoderes, tão nostálgico, tão sozinho, tão fora de si, do centro ou da felicidade ao longo da contística de Sergio Faraco. Confirma-se, assim, que a obra de Faraco está imbricada com o quadro hodierno de descentramento do sujeito e de submissão às crises de valores promovidas pela dinâmica do descarte, característica de períodos de declínio da tradição e mote comum da pós-modernidade. Percebe-se, então, juntamente com tantos pesquisadores que se detiveram no trabalho do contista alegretense, bem como os leitores do premiado escritor, que a narrativa de Faraco cativa, justamente, por abordar as agruras da vida com uma singeleza e uma ingenuidade ímpares, só possíveis

a partir da visão de um narrador limitado em sua percepção de mundo, seja pela pouca idade ou pelo retorno à infância, seja pela escassez de malícia.

Rompendo com a construção do gaúcho valentão e imbatível, a narrativa de Faraco deixa à mostra duas importantes premissas: (1) a tradição sul-rio-grandense continua em voga: a escrita imiscuída de castelhanismos, os temas próprios do pampa e os personagens submetidos aos dramas da fronteira seguem compondo narrativas ao gosto do leitor contemporâneo; (2) o regionalismo tem de ser revisado para seguir atraente ao consumo de leitura da pós-modernidade: a cultura comprometida com os roupantes nacionalistas ou a promover a imagem do homem imbuído de superpoderes já não pode se sustentar ante a crise de valores da pós-modernidade. O leitor ainda precisa da identificação com lugar na literatura, porém não busca a construção literária do Rio Grande do Sul como *cosmos* perfeito e acabado. Em meio a tudo isso, enquanto o Eu é reformulado em frente ao resgate das tradições e a busca de pilares identitários, a imagem do Outro passa a ser refratada sob um novo enfoque.

O castelhano, como gaúcho do lado “de lá” da fronteira, como o Outro forjado sob as fraturas do Estado-nação aglutinador, recebeu um tratamento diferenciado nas narrativas mais contemporâneas. Não mais o inimigo, não mais o invasor, não mais o responsável pela degradação da paz e dos costumes, o *gaucho* platino era, então, só mais um *orillero* a comprovar, em tempos de queda de fronteiras, que as angústias são as mesmas, independente do terreno em que se pise. Essa nova percepção influiu na atividade tradutória e o mesmo Faraco, narrador que tanto impressionou com seu trânsito entre idiomas e culturas, foi quem tratou de promover a inserção de importantes títulos latino-americanos no sistema literário brasileiro. Muitos platinos foram traduzidos e isso constituiu, por si só, um ato político de bastante relevância, pois demonstrou o engajamento de se em pôr, na ordem do dia, as semelhanças entre os seres humanos de um e outro lado da fronteira. Mais do que mera reprodução do Outro em língua vernácula ou um processo de tradução cultural, o acolhimento dos platinos foi, melhor dito, a disposição de trazer à baila as semelhanças narrativas, culturais e ideológicas que unem esse pampa outrora sem alambrado.

Um escritor uruguaio traduzido por Faraco merece particular atenção. Não só pela amizade de quase quatro anos ou pelas correspondências trocadas durante todo esse tempo, Mario Arregui foi um espelho considerável para que Faraco vislumbrasse o Outro dentro de si. A atividade tradutória, mais do que causa, foi consequência da identificação entre ambos. O alegretense, por várias vezes, declarou ter encontrado em Arregui muitos contos dos quais gostaria de ter sido o autor e, por isso, empenhou-se em vertê-lo ao português e publicá-lo por uma editora do centro do país. Na trilha do Faraco-tradutor, descortina-se a discussão sobre a existência de normas que possibilitaram o cruzamento das fronteiras políticas através da tradução. Afinal, essa travessia tornou-se viável justamente em função da confirmação de esquemas culturais e da relação de proximidade entre a cultura traduzida e a de destino, que celebrou a recepção do texto traduzido.

Não obstante, uma pergunta ficou, adrede, sem resposta. Neste momento, retoma-se o questionamento de Hall (2003, p. 69), sobre o destino dos localismos em face dos novos contornos globalizantes. As três possíveis consequências postuladas consistiam em especular se: (1) as identidades “locais” estariam se *desintegrando* como resultado da homogeneização cultural; (2) elas estariam sendo *reforçadas* pela resistência à globalização; (3) elas estariam em declínio, em detrimento de *novas* identidades (híbridas) que tomariam seu lugar.

No tocante à literatura sul-rio-grandense, a partir do caso de Sergio Faraco, pode-se concluir que, de certa forma, a literatura sul-rio-grandense sofreu fortemente o impacto das forças pós-nacionais. Ao invés de “desintegrar-se”, porém, melhor seria afirmar que ela foi revista e rearticulada, desvencilhando-se da perspectiva de literatura engajada na invenção de tradições, no sentido que lhe dá Eric Hobsbawm (*Op. Cit.*). Não mais se lida com essa manifestação artística comprometida com a manutenção da centralidade do poder e da autoridade no Brasil, a negar as fraturas sob o teto homogeneizante do Estado-nação, visto que a narrativa contemporânea tem-se caracterizado, justamente, pela celebração do diálogo e da diferença. Inclusive, essa é a razão pela qual a atividade tradutória tem adquirido uma relevância sem precedentes.

A partir disso, outras questões bastante pertinentes foram delineadas. Primeiramente, traça-se a suposição de que a preferência pelos temas gaúchos não decorre de uma resistência à globalização. Se o leitor de Sergio Faraco estruturasse seus gostos por uma questão de bairrismo, ou seja, de inserir-se pela narrativa do berço afetivo, do Rio Grande do Sul, rejeitando o que lhe é alheio, não consumiria a narrativa de Arregui, por vezes tão marcada pela política e pelo contexto sociológico uruguaio. A queda de barreiras para a literatura não pode ser, portanto, explicada como reação à queda de fronteiras políticas, pois isso constituiria um flagrante paradoxo. Mais viável parece arriscar que o interesse pelos contos de Arregui, que inclusive foram republicados no formato *pocket* pela Editora L&PM, decorre de um anseio de retorno à tradição, considerada esta sob um viés dissociado dos caracteres nacionalistas. O homem descentrado da pós-modernidade não quer discursos ideológicos, mas algo que lhe seja dotado de significado, que lhe defina o ancoramento identitário, como a certeza de que ele tem uma origem, uma história, um lugar que lhe marque o ser e que, talvez, possa curá-lo desse intermitente sentimento de estranhamento frente ao mundo.

Por outro lado, é sim possível afirmar que a cultura sul-rio-grandense tem sido reforçada. O surgimento dos CTGs (Centros de Tradições Gaúchas), que tão rapidamente se disseminaram, marcou o início desse processo. Veja-se, ainda, o grito das torcidas de futebol quando em partida contra times do centro do país: *Ah! Eu sou gaúcho!* Ou então, a enquete do jornal *Zero Hora* a questionar a reação da população perante as comemorações da Semana Farroupilha: 45,65% declarou que fica mais atraído pela tradição gaúcha; 36,73% informou que gosta, mas não se envolve nas festividades, e apenas 17,62% afirmou não dar atenção ao evento¹⁶. Isso significa dizer que 82,38% dos gaúchos aprecia esse resgate tradicionalista, e que quase metade da população se sente mais atraída pelos temas da terra. Além disso, é crescente o interesse pela literatura dos gaúchos e isso pode ser observado no aumento de tiragem, de vendas, de reconhecimento pela crítica e até mesmo de bilheteria, quando consideradas obras adaptadas ao cinema. Tome-se o exemplo do filme *O quatrilho*, baseado na obra homônima de José Clemente Pozenato, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1996. Após longo período de ostracismo, essa obra veio consagrar a produção cinematográfica brasileira justamente a partir da narrativa e dos temas do Rio Grande do Sul. A partir daí, vários filmes consagraram os temas gaúchos, como *Lua de outubro*, *Anahy de las misiones*, *Netto perde sua alma*, *Concerto campestre* e *Diário de um novo mundo*, entre outros tantos títulos.

¹⁶ ZERO HORA. *Enquete da semana*. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/jornais/zerohora/jsp/default.jsp?u-f=1&local=1§ion=Home>> Acesso em 03 set. 2006.

Da mesma forma, o caminho contrário também tem sido traçado. Os olhares do centro parecem mais empenhados em legitimar a diferença dos costumes e das tradições gaúchas, antes deixadas à margem. A produção da minissérie *A casa das sete mulheres*, veiculada com grande índice de audiência em rede nacional, rompeu um jejum desde 1985, quando *O tempo e o vento* trouxe às telas a história dos gaúchos. A inclusão de Simões Lopes Neto e Sergio Faraco entre *Os cem melhores contos brasileiros do século XX*, em coletânea organizada por Ítalo Moriconi, professor de Literatura Brasileira da UERJ, reitera a premissa. Finalmente, é impossível negar que uma nova identidade vem se conformando entre os pampeanos. O gaúcho não mais se considera um sul-brasileiro tão-somente, pois não deixou de assumir ares urbanos e, poder-se-ia dizer, pós-modernos até. Assumindo e enfatizando suas diferenças, seus contornos próprios, o gaúcho obteve maior autonomia e, assim, pôde-se voltar aos seus vizinhos platinos sem os ressentimentos de outrora. Talvez, não seja o caso de afirmar que uma identidade híbrida tenha tomado o lugar da autoimagem do gaúcho, mas, isto sim, que a crise de centralidade tenha deixado transparecer um hibridismo há muito existente. Contudo, as influências culturais platinas continuam a operar, e quem sabe o quanto ainda podem transformar as identidades fronteiriças. O importante é que gaúcho, e sua posição no entre-lugar da cultura, ocupando um espaço brasileiro privilegiado na confluência do Prata, pode, finalmente, assumir e cantar com ufania suas peculiaridades. Enfim, em meio a tudo isso, apenas uma certeza permanece: a de que a *gauchidade* está em alta e que algo deve haver que explique o crescente interesse pelas tradições e pelas coisas do Rio Grande do Sul.

Encerrando, restam alguns tópicos correlatos que podem contribuir sobremaneira para a melhor compreensão do sistema literário sul-rio-grandense e para ganho de complexidade diante da difícil tarefa de conhecer. Percebeu-se que Faraco, como tradutor, deixou muitas marcas suas ao longo do texto traduzido de Arregui. Tomou-se por justificativa a isso a identificação entre a literatura de ambos e a permeabilidade dos temas e da linguagem em face do entorno pampeano. Fica, porém, a dúvida: como se comporta o Faraco-tradutor quando diante de textos não passíveis de serem transportados à veia afetiva da campanha, tais como sua tradução de Gorki ou mesmo de Unamuno? Nesses casos, o Faraco-escritor também se deixa perceber de forma insinuante? Além disso, como se comportam os tradutores Outros quando diante de um texto tão carregado de marcas culturais como é o caso dos contos de Faraco? Ao gaúcho brasileiro se domestica, ou não, quando da apresentação na fronteira? Ainda: caberia um trabalho mais detalhado sobre as fronteiras que se deixam perceber nos textos ditos de “temática urbana”, eis que, aí, há também uma tensão conformada pelos entrelugares que se inserem na narrativa na visão de personagens oprimidos pelas cidades e que sentem não compartilhar com ela as euforias de tantos outros. Esses, porém, são apenas alguns motes a exemplificar quão aberta permanece a obra de Faraco aos estudos comparatistas e quanto ainda pode ser feito para que se conceda, a esse querido escritor, o lugar que merece, também, na Academia.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Sérgio Vaz. *Tiradentes: a origem do mito e o mito de origem*. Disponível em: <<http://gold.br.inter.net/luisinfo/cidadania/tiradentes.htm>>. Acesso em 02 mar. 2006.

ALMEIDA, Jaime de (Org.). *Tendências e contornos de um campo historiográfico*. Brasília: ANPHLAC, 1998.

AREND, João Cláudio. *O mito do gaúcho-herói e o imaginário social em Contos gauchescos e Lendas do sul*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1995.

ARREGUI, Mario. *A cidade silenciosa*. Tradução de Sergio Faraco. São Paulo: Movimento, 1985.

_____. *Cavalos do amanhecer*. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2003.

_____. *La escoba de la bruja*. Montevideo: Acali Editorial, 1979.

_____. *Los mejores cuentos*. Montevideo: Ediciones de la banda oriental, 1996.

_____. *Ramos generales*. Montevideo: Arca, 1985.

_____. *Tres libros de cuentos*. Montevideo: Arca, 1969.

ARREGUI, Mario e FARACO, Sérgio. *Correspondencia: 1981 – 1985*. Montevideo: Monte Sexto, 1990.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BARRÁN, José Pedro. *El Uruguay pastoril y caudillesco en la primera mitad del siglo XIX*. Disponível em: <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/historia/Uy.hist2.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2006.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve história da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.

BENJAMIN, Walter *et al.* *Benjamin, Horkeimer, Adorno e Habermas*. São Paulo: Abril, 1983.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. Conto e identidade literária na América Latina. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, p 23-28. dez. 2003.

_____. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

BITTENCOURT, G. N., MASINA, L. S., SCHMIDT, R. T. (Orgs.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

- CÊSAR, Guilhermino. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.
- CHIAPPINI, L.; MARTINS, M. H.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 2004.
- CIORANESCU, Alejandro. *Princípios de literatura comparada*. Tenerife: Universidad de la Laguna, 1964.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- GIL, Daniel. *El terror y la tortura*. Montevideo: EPPAL. 1990.
- HABERMAS, Jürgen. *A constelação pós-nacional*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Littera Mundi, 2001
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWM, E. e RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira*. São Paulo: Huicitec, 1997.
- MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MASINA, Léa. *Alcides Maya: um sátiro na terra do Currupira*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; São Leopoldo: Unisinos, 1998.
- _____. *Percursos de leitura*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Movimento, 1994.

_____. Tradição, transformação e renovação na literatura sul-rio-grandense de fronteiras. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, p. 45 – 51, dez. 2003.

MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *O método*. Tradução de Maria Gabriela Bragança. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1991. Quatro volumes.

OHMAE, Kenichi. *O fim do Estado-nação*. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets, 1971.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. Três volumes.

RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

REVERBEL, Carlos. *O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande do Sul e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

ROCCA, Pablo. A narrativa pós-gauchesca: limites e abrangência de um discurso. Tradução de Graciela Quijano e Cleci Bevilacqua. In: CHIAPPINI, L.; MARTINS, M. H.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Pampa e cultura de Fierro a Neto*. Porto Alegre: UFRGS/IEL/Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, 2004. p. 77-94.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra, fronteiras da história*. Brasília: Editora UNB, 1997.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. Tradução de Susan Semler. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

STROHAECKER, Tânia Marques *et. al.* (Orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.